

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
MARTIN SCORSESE, ENTRE A RAIVA E O SILÊNCIO
21 e 29 de setembro de 2026

SHINE A LIGHT / 2008

Um filme de Martin Scorsese

Realização: Martin Scorsese / *Produção:* Steve Bing, Michael Cohl, Victoria Pearman, Zane Weiner / *Coprodução:* Joseph P. Reidy, Emma Tillinger Koskoff / *Produção Executiva:* Mick Jagger, Keith Richards, Charlie Watts, Ronnie Wood / *Coprodução Executiva:* Jane Rose / *Direção de Fotografia:* Robert Richardson / *Montagem:* David Tedeschi / *Direção Artística:* Star Theodos Kahn / *Música:* The Rolling Stones / *Participações:* Mick Jagger (voz, guitarra, harmónica), Keith Richards (guitarra, voz), Charlie Watts (bateria), Ronnie Wood (guitarra), Darryl Jones (baixo), Chuck Leavell (teclas), Bobby Keys (saxofone), Bernard Fowler (voz), Lisa Fischer (voz), Jack White III, Christina Aguilera, Buddy Guy, Bill Clinton, Hillary Clinton, Dick Cavett, Aleksander Kwaśniewski, entre outros / *Cópia:* 35mm, a cores, falado em inglês e legendado em português / *Duração:* 122 minutos / *Estreia Mundial:* 7 de fevereiro de 2008, Festival de Berlim / *Estreia Nacional:* 8 de maio de 2008 / *Primeira passagem na Cinemateca.*

Aviso: a cópia apresenta pontuais quebras sonoras durante uma parte da sua metragem.

Há um trajeto dos The Rolling Stones na história do cinema que os coloca na linha da frente enquanto assuntos prediletos do documentário: **One + One** (1968) de Jean-Luc Godard, na sua “fase revolucionária”, e **Gimme Shelter** (1970) dos irmãos Maysles e de Charlotte Zwerin, nomes maiores do *direct cinema* americano, são os filmes mais incontornáveis realizados em torno da banda britânica (excluindo-se aqui o caso problemático de **Cocksucker Blues** [1972], documentário de Robert Frank que foi barrado pelos próprios Stones e que se propunha ser uma espécie de sequência de **Gimme Shelter**). Ambos apresentam uma diferença fundamental por comparação com **Shine a Light**: a música é algo secundarizada face ao contexto político e social dos quentes anos 60. Os Stones surgiam, nesses títulos, e de maneira especialmente grave no filme dos Maysles e Zwerin (por o concerto em Altamont de 1969 ter ficado marcado pelo assassinio de um espectador negro, Meredith Hunter), como testemunhas ou mesmo atores privilegiadas das convulsões desse período, ao passo que o “fanboy” Martin Scorsese não quer outra coisa que não seja concentrar-se naquilo que os próprios Stones amam fazer; menos até na música propriamente dita (neste particular, a construção de *Sympathy for the Devil* encontra um bom documento no filme de Godard) do que na sua *performatização* ao vivo, entrando no que Keith Richards denomina, numa das várias entrevistas televisivas aqui repescadas, de “zona”. Falamos, claro, da “bolha” dentro da qual a banda se exprime em palco, nomeadamente aqui, num concerto dado ao vivo no Beacon Theatre (para a Fundação de Bill Clinton) diante de uma multidão em polvorosa. Desta vez, não haverá qualquer interrupção alheia à ação dos corpos interpretando algumas das músicas *rock* mais célebres do século XX.

Scorsese, que tem a mesma idade de Mick Jagger, sempre foi um confesso admirador da música dos Stones, servindo esta muito mais do que mero “acompanhamento” para as imagens de **Mean Streets** (1973), **GoodFellas** (1990), **Casino** (1995) e **The Departed** (2006). Tornou-se quase uma marca autoral o recurso recorrente ao tema que dá nome a esse “clássico” do *direct cinema* que acima citei: “Ooh, a storm is threatening / My very life today / If I don’t get some shelter / Ooh, yeah, I’m gonna fade away” (“Oh, uma tempestade ameaça / A minha própria vida hoje / Se não encontrar algum abrigo / Oh, sim, vou desaparecer”), canta Mick Jagger logo a abrir *Gimme Shelter*. No cinema de Scorsese são várias as personagens a precisar de abrigo face a uma ameaça tempestuosa mais forte e poderosa do que elas mesmas. Ou então são elas próprias a sua principal ameaça, como acontece num filme

“sem música dos Stones” como **Raging Bull** (1980) ou nos outros dramas introspectivos que o celebrizaram, tais como **Taxi Driver** (1970) ou o próprio **The Last Temptation of Christ** (1988).

Do fascínio pelo aspeto cénico e performático da banda nasce uma indagação, verdadeira “obsessão” do cineasta aqui, acerca da capacidade de cada um dos músicos para persistirem neste seu caminho. Mick Jagger aparece, numa entrevista realizada quando a banda tinha somente dois anos, a perspetivar pelo menos mais um ano de atividade. Noutra entrevista, menos recuada no tempo, Keith Richards reage com um sorriso à pergunta: “Até quando vão continuar?” Alega Richards que os prognósticos relativos ao fim precoce da banda se têm renovado ano após ano e, contudo, eles continuam juntos (o que se mantém ao dia de hoje e, já podemos finalmente adivinhar, será assim até ao fim). E tocam as mesmas músicas com uma energia sempre contagiante – como sentencia Dick Cavett noutra entrevista, toda a *good vibe* definitivamente vale o preço do bilhete. Aos 63 anos, Scorsese parece encontrar um outro tipo de inspiração nos Stones: a música e os concertos, sim, mas também o exemplo destes homens que, após terem sobrevivido a várias intempéries, continuam a personificar a jovialidade e a criatividade. Neste sentido, **Shine a Light** é um pouco um anti-**The Last Waltz** (1978), belíssima elegia de Scorsese sobre a derradeira atuação da banda The Band. Isto porque os Stones “can’t get no satisfaction”, são de uma insaciabilidade mais poderosa do que eles mesmos – é como quem diz “até o corpo ‘expirar’, estamos aí para as curvas” ou, ponto de outra maneira, “If you start me up I’ll never stop”. Portanto, este será um filme que celebra a vitalidade de corpos velhos, que persistem na sua senda de fazer *rock n’ roll* mesmo que as rugas sejam já indisfarçáveis (pertencem-lhes a eles mas também a certos membros de um auditório “dos 8 aos 80”, em que terá constado a mãe de Hillary Clinton).

Temos, por isso, a celebração dessa capacidade dos Stones em não cederem ao envelhecimento, mas também encontramos, neste documentário, uma reflexão sobre como o “amor à arte” pode ser o principal remédio ou o principal abrigo para quem, no fundo, no fundo, não tenciona, nem nunca tencionou, parar. E, claro, há o tema da dita insaciabilidade. Ela não é declarada ou proclamada, é simplesmente sentida e vivida. Onde? De novo, na tal “zona” que se instaura a cada novo concerto desta banda. O começo do filme – muito “metacinematográfico” – versa sobre os preparativos do grande espetáculo a ser filmado. Scorsese prepara tudo como se fosse um assalto, tentando planificar cada plano no encaixe de cada ação gerada pela entrada de cada música. Scorsese goza da cumplicidade dos músicos, mas há algo que lhe escapa: a tendência da banda para desfazer alinhamentos fixos e para começar a tocar o concerto que *sente* que deve tocar. Este receio de desalinhamento da banda, recreando-se na sua bolha, em contraposição com a hiper-planificação do realizador é o primeiro e talvez único fator de “drama” neste documentário.

Afinal, como é que os Stones se deixarão subjugar à super-maquinaría que Scorsese instalou para se antecipar a cada gesto dos seus *performers*? É aqui que **Shine a Light** pode parecer, do ponto de vista estritamente cinematográfico, um exercício pouco aventureiro. Antes de começar a rodagem, um dos membros da equipa de Scorsese sente-se obrigado a recordá-lo: “isto é *rock n’ roll*”. É uma certa maneira de amenizar o ímpeto de *director* para controlar tudo, do primeiro ao último suspiro. Pois é isso que falta a este documentário de grande correção e polimento do ponto de vista técnico e formal: alguma da energia bruta que ainda está presente nos corpos (dos músicos e do público) e que sempre esteve presente nas músicas. Face a uma banda como esta, mesmo do alto dos sessenta e poucos anos dos seus membros, poderia esperar-se de facto mais *rock n’ roll* na conceção cinematográfica. Pergunto: porque não exigir “pelo nosso bilhete” um regresso à intensidade bruta de **Mean Streets** e a um certo “desgoverno” desse filme musical saído dos anos dourados de Scorsese que foi **New York, New York** (1977)? Porque sem esse condimento de *rock n’ roll* na realização o cineasta corre o risco de se confundir com a figura do espectador confortável e acomodado. Demasiado confortável e acomodado, entenda-se.

Luís Mendonça